Anno 4.º — DOMINGO 9 DE ABRIL DE 1911 — N.º 15

CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—*José Ferreira de Magalhães*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

A separação da Egreja do Estado

CARTAS A UM BISPO

POR

EMILIO CASTELLAR

—O diario portuense *A Patria* publicou, ultimamente, uma série de *Cartas*, de Emilio Castellar, traduzidas pelo sr. Henrique d'Andrade. O assumpto é da maxima opportunidade relativamente ao nosso paiz, visto que já está annunciada a publicação da lei da separação da Egreja do Estado e, por isso, registâmos a seguir alguns trechos d'uma das referidas cartas:

Ha direito a impôr uma religião verdadeira? Todas as religiões desde o bramanismo até ao protestantismo, teem dito aos governos: Eu sou a verdade. De todas têm abusado para fins mundanos os governos e as têm esgrimido contra seus inimigos. O bramanismo teve por victima os párias; o protestantismo, os irlandezes; o paganismo os christãos; e os governos têm deixado infelizmente um regueiro de sangue que condemna a justiça de Deus.

V. ex.ª, costumado a um ministerio puramente espiritual, sabe que o criterio de toda a religião é a fé. E a fé é a evidencia interior, que ou não admitte provas ou as recusa. Creio, porque creio: tal tem sido a principal razão dos crentes. Outras vezes teem ido mais longe, teem dito: *Credo quia absurdum.*

Prescindimos da verdade ou da mentira das religiões, o que não importa para assentar o ideal de relação entre a religião e o Estado. Para o governo hespanhol a verdade é o catholicismo, e para o inglez o protestantismo. No fim de tudo, como disse o conde de Maistre, no fundo das religiões mais diversas, se encontram vestigios de uma tradição universal.

Todas as religiões teem consolado o homem em seu caminhar. Desde a religião que adorava o talo de couve, a gota de rócio, a ave gigantesca que abria suas azas na região dos ventos, a lua cheia quando surgia do seio das ondas e celebrava seus mysterios, tendo por templos os bosques e por altares os penhascos; desde a religião que adorava a natureza, até á religião que adorava o homem e quando o sol saia pelo Himeto, enviava do templo ás margens do Egeo os coros de virgens coroadas de verbenas tangendo citharas d'ouro, e entoando os canticos dos mais sublimes poetas: desde a religião que adorava o homem até á religião espiritual que adorava a Deus, e erigiu as cathedraes gothicas, e as tingiu dos matizes da luz com os vidros de cores, e as povoou de estatuas que representam todos os graus da oração e da dôr, e lhes deu o murmurio d'uma prece com os ácordes do orgão, e lingua para fallar aos ventos com os sinos, e laço para o ceu com a alta cupula, que se banha dos arreboes do ar todas as religiões como disse um autor catholico, teem consolado o homem deixando nos espaços essas obras d'arte que formam como que a escada mysteriosa por onde o espirito humano sobe, sacudindo de suas azas o pó da terra, a transfigurar-se no infinito.

Ha direito a impor uma religião? Omar diz que sim; Christo diz que não. As religiões teem suas armas: o convencimento para a intelligencia, a persuação para a vontade. V. Ex.ª crê mais na força d'um exercito de missionarios para fins religiosos que na força d'um exercito de zuavos; mais n'uma pastoral que em um canhão. As religiões não se mantem pelos fiscaes, pela vara do cabo do presidio, nem pelas bayonetas de todos os exercitos do mundo; mantem-se pelo assentimento das consciencias, pela fé dos corações. O que é que a religião representa em primeiro logar? A relação de toda a vida com Deus. A religião vela em nosso berço e envia-nos o anjo custodio de nossos primeiros sonhos; purifica os corações jovens apercebendo-os para receber, como vasos de bençãos, os aromas dos primeiros amores; bem diz a familia que formamos; sanctifica a mulher que elegemos por esposa, convertendo o lar em templo; auxilia-nos a educar os filhos, a levantar as azinhas de sua phantasia ao ceu, e encaminhar seus primeiros passos para o bem: une-nos pela oração com os seres que se partiram e pela esperança na immortalidade com os seres que vêem á luz; e na hora da morte, quando todos os horisontes se escurecem, quando o sepulchro abre a nossos pés suas negras fauces, quando todos nos abandonam ao silencio do somno eterno, a religião promette-nos que, longe de nos perdermos em o nada, a essencia de nossa vida, como o vapôr da catarata que sobe, aos ceus emquanto o caudal das aguas se despenha nos abysmos, a essencia da nossa vida se dilatará no regaço de Deus.

Mas para cumprir estes fins, ha-de ser querida por nossa fé, amada por nosso coração, acceite de nossa consciencia, pharol luminoso aos olhos da alma.

Em vez de moderar os impetos da juventude, vicial-os-ha, se por ella não tivermos amor. Em vez de nos unir por um juramento á familia que tenhamos, unir-nos-ha por um perjurio. Em vez d'auxilio, servir-nos-ha d'estorvo na educação de nossos filhos, porque não ensinam os labios como verdade, o que o coração sente que é mentira. Em vez de nos consolar na hora da morte, suas orações, suas ceremonias pertubarão nossos ultimos instantes, e farão desesperada essa derradeira hora em que o homem necessita recolher todo o seu espirito e toda a sua vida para apresentar-se, não ante o juizo dos homens, que creem a fé mentida pelos labios, mas ante o juizo de Deus, que vê no fundo da consciencia. Indiciso o moribundo entre sua crença de homem e sua crença de cidadão, verdadeiramente não saberá como morrer n'esta ultima hora, em que todas as mentiras se acabam com os resplendores da verdade eterna. Para este triste estado dos espiritos ha um grande ensinamento na historia, um ensinamento que me moveu a prolixas meditações em meus estudos historicos.

Notae, senhor, os homens mais celebres dos ultimos dias do paganismo. Que miseraveis em sua vida, e que grandes em sua morte! Não fallemos de Bruto e Catão. O pretoriano Antonio sabe morrer. Cicero, que havia vivido como um cortezão, expira como um heroe. O imperador Othão foi em sua vida menos que uma prostituta, e em sua morte mais que Socrates. Tacito não acerta com a razão disto. Sabeis porque viviam vida tão miseravel? Porque viviam em contubernio forçado com deuses em que não criam. Sabeis porque morriam morte tão sublime? Por morriam livremente crendo no Deus de Platão, no Deus da sua consciencia.

Por isso eu creio que o poder do Estado, que a força dos governos, nada vale; nada importa para fomentar as crenças religiosas. Crêmos ou não crêmos na religião do Estado. Se crêmos, crêmos por nossa consciencia, que não pelo mandato do Estado. Portanto sua protecção é inutil. Se não crêmos e dizemos que crêmos, aos olhos da religião commettemos uma verdadeira hypocrisia. Portanto, sua protecção é damnosa. V. Ex.ª em seu alto ministerio, que tantas vezes o terá obrigado a baixar aos profundos abysmos do espirito, para arrancar d'ali muitos espinhos, sentirá immensamente, muito melhor que eu pudera dizel-o quanto a hypocrisia é prejudicial ao espirito religioso.

DURANTE A SEMANA

No domingo passado, realisou no Atheneu Commercial do Porto uma conferencia sobre a separação da Egreja do Estado o notavel causidico sr. dr. Alexandre Braga.

—Partiu no dia 3 para Paris, d'onde devia ter seguido para Londres, o illustre escriptor Teixeira Gomes, ministro de Portugal na Inglaterra. A despedir-se de s. ex.ª compareceram na estação do Rocio, entre outros, os srs.: drs. Antonio José d'Almeida, Bernardino Machado, José Relvas e Brito Camacho, por parte do governo; Guerra Junqueiro, João Chagas, Batalha Reis, etc.

—Foi nomeado governador do Banco de Portugal, tendo já tomado posse, o sr. Innocencio Camacho.

—Terminaram os concursos para professor de Economia Politica na Escola Politechnica de Lisboa. Todos os candidatos foram approvados em merito absoluto, mas foi votada por unanimidade a nomeação do sr. dr. Affonso Costa.

—Foi nomeado Director Geral das Colonias o tenente-coronel de Engenheria sr. Freire d'Andrade, antigo governador geral de Moçambique.

—Foi chamado á metropole pelo Governo Provisorio o sr. Marinha de Campos, governador de Cabo Verde, sobre quem pesam graves accusações. Entre estas, destacam-se as seguintes que vimos referidas no *Primeiro de Janeiro*:

«Um grupo de republicanos da cidade da Praia communicou ao governo que em 30 de março o governador Marinha de Campos mandára juntar o povo em frente do palacio da sua residencia e fizera-lhe um discurso revolucionario, gritando: «Abaixo os ministros que não sabem ser republicanos!» e incitou o povo á rebellião contra a sua patria, fazendo-lhe vêr que Cabo Verde tinha recursos proprios para se libertar da metropole e da vontade dos ministros, aos quaes dirigiu ameaças.

Concluiu pedindo ao povo que se oppuzesse ao seu embarque quanto preciso fosse.

Por noticias telegraphicas recebidas no ministerio da marinha sabe-se que foi maltratado, aggredido e preso por Marinha de Campos, em Cabo Verde, antes da sua ultima chamada a Lisboa, um primeiro official da repartição de fazenda da cidade da Praia, por este se recusar a assignar uma representação pedindo ao ministro das colonias a conservação do governador d'aquella provincia, declarando o referido funccionario que não assignava tal documento.

O sr. ministro da marinha mandou pôr em liberdade o referido funccionario, caso não estivesse preso á ordem do poder judicial.»

—Partiram no dia 3 para Paris 300 estudantes portuguezes das escolas de Coimbra, Lisboa e Porto. O comboio que os conduzia chocou-se com outro proveniente de S. Sebastian, não havendo, felizmente, grandes desastres pessoaes a lamentar.

Publicamos a seguir alguns telegrammas que sobre o assumpto os jornaes diarios inseriram:

Madrid, 7, ás 4,40 da manhã—Entre as estações de Arroya e Olozagostia chocou-se o comboio proveniente de S. Sebastian com o comboio especial que conduzia os *touristes* portuguezes que se dirigiam á França.

Ignora-se a causa da catastrophe e o numero de victimas.

No logar do accidente ha 15 centimetros de neve que interrompe as communicações.—(H.)

Pamplona. 7—Na collisão em Olozagostia entre o comboio de touristas portuguezes e o que vinha de San Sebastian, ha apenas um viajante bastante ferido e seis contusos; todos seguiram viajem.—H.

Lisboa, 7, ás 12 n.—O «Diario de Noticias» recebeu agora um telegramma de Hespanha com a nota dos portuguezes feridos no embate de comboios. São elles os estudantes Sebastião da Trindade Pinto, com uma perna fracturada; e Medeiros Franco e Calvet de Magalhães, com contusões. Tambem ficou ligeiramente ferido o lente sr. dr. Lobo d'Avila.

—O *Janeiro* de sabbado publica o seguinte telegramma:

Madrid, 7—No conselho de ministros, Canalejas disse ao monarcha ter recebido do governo da Republica Portugueza uma nota protestando contra os hespanhoes que, no paiz visinho, actuam a favor da derruida monarchia, promovendo alterações da ordem publica, e protestando tambem contra a campanha que os monarchicos portuguezes refugiados em Hespanha fazem contra a Republica Portugdeza.

Parece que na referida nota se pede a expulsão dos alludidos portuguezes e se declara que serão tambem expulsos os nossos compatriotas.

A «España Nueva» diz que seria para desejar que o governo hespanhol prestasse boa attenção a esta nota, pondo aqui em pratica a expulsão, e conformando-se egualmente com o resto da nota.

—Entrou na sexta-feira no porto de Leixões o cruzador «Adamastor» da marinha de guerra portugueza que, segundo informam alguns jornaes, veio fazer exercicios naquella costa.

—Ainda sobre o *complot* monarchico do Brazil, o *Primeiro de Janeiro* de hontem insere as seguintes informações enviadas de Lisbôa:

Faria Veiga foi hoje interrogado pelo juiz do 3.º juizo de investigação criminal. A chorar, negou que tivesse conspirado contra a Republica ou contra os ministros e que nunca pertencera á Liga monarchica do Rio de Janeiro. Disse que viera a Portugal apenas tratar de negocios particulares e que alguns membros d'aquella collectividade lhe pediram para ir a Londres, avistar-se com os membros de um *complot* monarchico, que alli estabelecera a sua séde e d'onde emanavam todas as ordens para o movimento da restauração do antigo regimen.

Para tal serviço pagaram-lhe todas as despezas de viagem e entregaram-lhe diversas cartas de recommendação.

Disse mais que durante a viagem pensára na responsabilidade de tal empreza e resolveu por isso entregar as cartas e a credencial ao dr. Belleza d'Andrade, outro conspirador que com elle se devia encontrar em Vigo.

Arthur Veiga recolheu novamente ao Limoeiro, sem admissão de fiança.

—O conselho de ministros nas suas ultimas reuniões, tem discutido a lei de separação da Egreja do Estado que será publicada por todo este mez.

—O sr. dr. Bernardino Machado, na recepção aos jornalistas estrangeiros, disse que os acontecimentos no Arsenal não havam tido maior importancia. Os factos passaram-se da seguinte maneira:

Uns tres ou quatro operar os dirigiram-se a bordo do «S. Raphael» e foram pedir protecção ao segundo commandante, o que lhe foi negado. Voltaram a terra e conseguiram que os machinistas por meio de apitos, fizessem interromper os trabalhos do Arsenal,

soltando gritos de «abaixo o ministro da marinha» isto acompanhados por cêrca de 15 collegas seus.

Esses agitadores foram encontrados armados de pistolas.

Fez referencias agradaveis aos srs. Freire d'Andrade, Castanheira Neves e Innocencio Camacho ácerca das recentes nomeações.

Quanto á nossa situação financeira e economica, continua excellente, e que são tambem magnificas as receitas alfandegarias.

O governo tenciona fazer a reforma do tribunal de contas em breve.

Accentuou que se está organisando já a missão intellectual ao Brazil e que o governo entregou credenciaes para o sultão em Marrocos, que brevemente lhes serão apresentadas.

Disse mais que o governo ordenára a censura telegraphica em consequencia das noticias falsas que são espalhadas na imprensa estrangeira.

NOTICIARIO

Registo Civil—Foi nomeado conservador do registo civil em Aveiro o sr. dr. Alfredo de Lima Nobre.

—No concelho d'Aveiro foram creados os seguintes postos do registo civil: Cacia, comprehendendo os logares de Paço e Taboeira, da freguezia de Esgueira; Oliveirinha; Eixo, comprehendendo o logar de Azurva, da freguezia de Esgueira; Eirol; Nariz; Arada e Requeixo, para que foram nomeados respectivamente os srs.: Pedro André, João d'Almeida Vidal, Aristides Dias de Figueiredo, Luiz Maia da Silva Junior, José d'Almeida Abrantes, Adelino Gonçalves da Costa e Domingos Marques de Carvalho.

A todos, cordeaes felicitações, especialmente ao nosso amigo e conterranoo sr. Aristides Dias de Figueiredo.

Administrador do Concelho—Pediu a exoneração, e foi-lhe concedida, do logar de administrador do concelho de Aveiro que desempenhava desde a proclamação da republica, o nosso amigo e conterraneo sr. dr. Diniz Correia de Carvalho. Para o substituir foi nomeudo, interinamente, o sr. dr. Joaquim da Costa Carvalho.

Nova estampilha — O jury do concurso da nova estampilha do correio deliberou fazer uma exposição de todos os projectos apresentados, cujos concorrentes não declarem no prazo de oito dias que não desejam que os seus trabalhos sejam expostos.

Mortos illustres—Falleceu no Porto, depois d'aguns mezes de grande soffrimento, em virtude d'um cancro que tinha na lingua, o notavel orador sagrado rev. Patricio.

Campos do Vouga — Foi encarregado de proceder ás medições do rombo produzido pelas cheias do Vouga nos campos de Alquerubim e de orçar as despezas a fazer com a reparação, o sr. Firmino Huet, conductor ao serviço da secção hydraulica d'Aveiro.

Desastre—No dia 30 do ultimo mez, quando uma filhinha do nosso conterraneo sr. Manuel da Costa Santos brincava na rua, passou-lhe sobre o braço esquerdo a roda d'um carro de bois, carregado de adobes. A' infeliz creança, que ficou muito maltratada, prestou o sr. dr. Diniz Severo os primeiros soccorros.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Rectificação — Não foram padrinhos da netinha do nosso amigo Angelo Vidal, que se baptisou ultimamente na egreja d'esta freguezia, as sr.as D. Maria José Varella de Brito e D. Ismenia Netto, como por lapso dissemos no ultimo numero, mas a sr.a D. Guilhermina Vidal e a menina Estefania Vidal, respectivamente avó materna e tia da gentil creança.

Fallecimentos — Falleceram, ultimamente, em Pinheiro, o sr. Antonio Marques Pontinha e a menina Maria Innocencia, filha da sr.a Maria Martins de Jesus.

A's familias enluctadas, sentidos pesames.

Pela imprensa—Augmentou de formato e passou a publicar-se á quinta-feira o semanario d'Aveiro *A Liberdade*.

Eclipse do sol — Do «Primeiro de Janeiro» transcrevemos os seguintes esclarecimentos sobre o proximo eclipse do sol:

Em 28 d'este mez haverá um eclipse total do sol.

O primeiro contacto com a sombra, segundo referem revistas auctorisadas, será ás sete horas, quarenta e nove minutos e dois segundos (hora de Greenwich), começando a phase central ás oito horas, quarenta e seis minutos e um segundo.

A linha central da sombra vêr-se-ha primeiro sobre a costa sudoeste da Australia, seguirá em direcção a noroeste, passará pelo Equador proximo do 154° de longitude occidental, terminando proximo do 90°, tambem de longitude occidental.

O cone da sombra estender-se-há, pois, sobre todo o Oceano Pacifico, e nas ilhas d'este mar é que deverão estabelecer-se as missões scientificas que pretendam estudar o phenomeno.

D'essas ilhas numerosas, raras são as que offerecem commodidades para um tal estudo. Citam-se as ilhas Tofua, do grupo Tonga; a de Vavon, do mesmo grupo; e, mais a Este, a ilha Nasun, que ficam um pouco ao sul do centro da sombra, mas em excellente posição.

Esta ultima ilha, por apresentar melhores condições, será naturalmente a preferida pelos astronomos.

SECÇÃO LITTERARIA

UMA VELHA ARIA

Sob a minha janella solitaria,
Cabello ao vento, o rosto bronzeado,
Canta um bohemio uma sentida aria,
Ao som d'um violão desafinado.

E' da minha provincia essa aria linda
Na sua doce e ingenua linguagem,
E d'ella o nosso sol trasborda ainda,
Tocou-a a sua côr nossa paizagem.

E eu sinto a minha alma confrangida,
Olhando esse bohemio que ahi passa,
No seu violão que chora a minha vida
Na sua voz que diz minha desgraça.

E eu que sou afinal um insaciado.
Eu, que sou orgulhoso e intelligente,
Quizera eu ser o musico ignorado
D'essa aria mediocre, plangente.

Que de recordações, mortas esp'ranças
Me não vêm d'aquelle violão,
Talvez encordoado d'umas trauças,
Taboa que tenha sido um coração.

E elle chora-me tanto e diz-me tanto
No seu triste cantar claro e profundo,
Que me não custa a crer que sob o pranto
Viva alli uma alma do Outro Mundo...

Estupido, boçal, a bocca torta,
E' o pobre rapaz que alli passou
E mundo em fóra vae, de porta em porta,
Dizer em cantos o que alguem chorou.

Falla a dôr e a sua vida é calma;
Não ha alli coração, ha só garganta...
Mas que importa se a voz me entra na alma,
Que não sinta, se eu sinto o que elle canta?!

E eu qu'ria ser bohemio ainda,
Imbecil como elle e sem soffrer,
A cantar uma aria assim tão linda,
A olhar para as estrellas sem as vêr!...

Fausto Guedes Teixeira.

D'«O Meu Livro».

Trechos selectos

D'um artigo publicado na *Aguia*, sob a epigraphe —*Coimbra dos estudantes*— e firmado pelo sr. Arthur Ribeiro Lopes:

O Penêdo da Saudade tem a unção religiosa d'uma cathedral. Uma cathedral sem o perfil pensativo das naves nem o espantalho torturado do Martyr. E' um templo erguido á Luz, á Côr, á Tristeza e que na ascenção infinita da sua espiritualidade só o ceu, em relação condigna, lhe servirá de cupula. Mas sente-se alli um desejo pantheista d'ajoelhar, uma volupia anciosa de que toda a nossa vida se esvaisse numa lagrima ou num beijo...

E' ancia de ser restea de luz, ave do ar, gota d'agua, hervinha do campo, qualquer coisa d'animal que só sentisse ou d'alma que só cantasse.

Quereriamo-nos volatilisar a um beijo de luz e, como um farrapo de nuvem, ficar p'ra alli, eternamente, estremecendo na luminosa vibração do ar.

Aquillo é a vertigem da luz, a hallucinação do desejo, a nevrose do sonho.

O Penêdo da Meditação é uma pequena superficie plana como terraço, dominadora como um mirante, abeirando-a um refolho granitico, filho casual d'um estremecimento orogenico a que está tradicionalmente presa a fascinação de tanto sentimento.

E' uma thebaida de ceu e de tristeza. Medita-se na Vida e no Amor, olha-se p'ra dentro da alma e egualmente se lhe pergunta se não seria melhor esvair-se todo o nosso sêr e ficar p'r'alli, confundido na caricia romantica d'aquelles ares. Do penêdo evocador a vista cahe em baixo, meditativamente. E são comaros de verdura, hortados, uma ou outra arvore de fructa, casebres d'ar sujo e desgraçado, pedaços de vida alli esquecidos na sua primitiva simplicidade.

Penêdo da Meditação!...

Penêdo ungido de dôr onde esboçou a Duvida o genio afflitivo de Anthero e onde Nobre ia resar os psalmos da sua agonia!...

Verdades que... parecem mentiras

A vida futura

O grande inventor americano, Edison, pensa que antes de cem annos os moveis serão de aço e que o nikel fará desapparecer o papel. O vapor será apenas uma recordação do passado e o ouro um vil metal.

O prodigioso inventor, cujo genio domesticou, por assim dizer, a electricidade, affirma que a locomotiva a vapor exala o seu ultimo suspiro; antes de cem annos, onde houver agua, a electricidade por ella produzida moverá todos os caminhos de ferro.

Serão de aço os moveis, custando a sexta parte dos de madeira, sendo muitissimo mais leves e imitando perfeitamente, pela pintura, a nogueira, o carvalho ou o mogno.

Está prestes a realisar-se a substituição do livro de aço pelo de papel. Uma folha de nikel, da espessura d'uma milessima de milimetro, será muito mais barata, mais resistente e mais flexivel do que uma de papel.

Um livro da grossura de 5 centimetros conterá quarenta mil paginas e pesará apenas 450 gramas.

Edison diz que pode vender, desde já, 450 grammas folhas de de nikel por 1$200 reis.

Affirma que tudo está ainda por fazer na transmissão do pensamento e da palavra; os actuaes telefonios são imperfeitos brinquedos, que nos fazem perder muito tempo e trabalho, obrigando-nos a repetir a conversa e muitas phrases.

Descobrir-se-ha uma nova força, que supplantará o telegrapho, o telephonio e o «sem fio», força que permittirá utilisar, de maneira mais pratica, as ondas do heter.

Pouco tempo de vida resta ao ouro; em breve veremos nas ruas blócos d'ouro, com a mesma indifferença com que olhamos para as barras de ferro e de aço.

Caminhamos rapidamente para a transmutação dos metaes, para a manufactura do ouro.

A materia é a mesma: o ouro e a prata differem porque a materia foi combinada em certas proporções e tratada de diverso modo em cada um d'esses corpos.

Se o radium não operar, por preço barato, este milagre, descobrir-se-ha outro metal que permittirá transformar em precioso ouro o chumbo vulgar.

Mas a mais espantosa ou pittoresca previsão de Edison é esta:

Em breve apparecerá uma machina que produzirá o seguinte: mettendo-se-lhe d'um lado panno, botões, linha, papel de seda e pasta de papelão, sahirão do outro lado fatos completos, por medida, e acondicionados em caixas.

É o principio do tear Jacquard sublimado a uma maravilha inconcebivel.

Se isto não é humorismo ou visão do grande inventor, não será um mito a tal suppressão do pauperismo e da miseria humana.

Carta

A UMA COMPANHEIRA DE VIAGEM

Minha Senhora:

V. Ex.a vai achar extravagante, muito extravagante, esta carta. Comtudo poucas vezes ha de ter ouvido fallar com tamanha seriedade e sinceridade. Venho pedir-lhe que continue a aquecer estas manhãs de nevoeiro e tristeza.

Ainda a noite me veste com a sua sombra, com a sua melancolia e entorpecimento; já a V. Ex.a a envolve a aurora com claridades enternecidas e amigas. Vejo-a atravez o nevoeiro e o fumo, e V. Ex.a é branca como a estrella d'alva. Olhamo-nos de longe, sem intenção e sem pensamentos. V. Ex.a brilha, eu illumino-me. Como é linda a sua touca de brancas nuvens!

. . . . . .

Mas as estrellas são longinquas, é a distancia que as produz. De perto seriam labaredas disformes e horriveis.

Permaneça, pois, minha senhora, longe de mim e da minha vida. Para que nos approssimariamos? Eu tenho uma mulher que amo. E' original não é verdade? V. Ex.a tem certamente pequenos defeitos na pele, qualquer pequenina miseria d'alma, cuja presença ha de desageitar-lhe a linha do corpo. Para que fazer secar esta fonte de Bellesa, que é o nosso conhecimento vago atravez os vidros das nossas carruagens?

Eu viajo sempre no primeiro carro, V. Ex.a no segundo. Que bom é sentir o misterio dos seus olhos suaves como as caricias longinquas dos astros! V. Ex.a já pensou no misterioso estremecimento que lança o olhar da lua no coração do Mar? Não acredita na explicação newtoniana, pois não? Olhe: é assim, como isto que se passa entre nós. O seu olhar *desce*, envolve-me, e a minha alma occulta, aquella alma, onde dormem os segredos dos mundos, vai subindo em sonho, em irradiação, em amor. Sob o seu olhar interpreto a paisagem, acho um sabôr sideral á vida, vou ouvindo na intimidade do meu *eu* (?) *ineditas* recordações.

Lembro-me tão enternecidamente da minha infancia! Que profundo misterio, este dos seus olhos virgens me levarem o espirito para as recordações de creança!

. . . . . .

Embebido n'esse olhar suavissimo vou recordando:

O sabôr novo e para logo perdido da primeira communhão com a Natureza... Era n'um inverno, na mais formosa aldeia do mundo (que a minha aldeia é a mais bella de todas). O sol abraçava o corpo frio da terra, branca de neve, como era então a minha alma. As arvores nuas pareciam adormecidas ou mortas. Eu corria sobre a neve, quando *ouvi, nitidamente ouvi*, bulir a alma d'um castanheiro. Então, dobrado n'um assombro, senti-me crescer crescer muito e a um impulso interior, desvairado e sem sentidos, correr liquefeito, intermino pelo horisonte silencioso e diafano...

Embebido n'esse olhar suavissimo, vou recordando:

Perdi a puresa, a virgindade, a fluidês. Fui petrificando nos moldes em que os homens me comprimiram. O meu coração encheu-se de sentimentos adaptativos e artificiosos. Esqueci a natureza para me amoldar aos homens. Mas o rio da vida, sob a esteril penedia das lições dos homens, humilde, ia correndo sempre. Um dia tive uma maré d'alma; de novo á superficie subiu a ternura e a bondade. E desde então n'um deslumbramento continuado eu tenho vivido!

Embebido n'esse olhar suavissimo vou recordando:

Como se fez a minha resurreição? Foi ainda o Amôr. Tudo no Universo é obra do Amôr. E os olhos d'uma mulher são sempre os porticos que o Amôr rasga para dar entrada no Mundo. Appareceu-me Deus debruçado nos olhos d'uma mulher. E aquelle Deus não era o todo poderoso mas o todo piedoso: tambem

Um roubo audacioso

Referem de Bordeus que na quarta-feira passada se commettera ali, em pleno dia, um audacioso roubo.

Um individuo. regularmente trajado, entrou n'uma estação postal e pediu um vale de dois francos. No momento em que a empregada lh'o entregava, recebeu do comprador um valente murro, em pleno rosto e, é claro, aproveitando-se da confusão da pobre mulher, pozse em fuga, havendo-se préviamente apoderado da caderneta que estava sobre a mesa e que continha vales no valor de duzentos e tantos mil reis.

Aos gritos afflictivos da empegada, um visinho perseguiu o ladrão e conseguiu prendel-o.

Até aqui como se vê, não ha nada de extraordinario. O interessante do caso, porem, é o seguinte:

O tal empregado prendeu o ladrão e levou-o a uma esquadra de policia. Mas ali (isto, repetimos, passou-se em Bordeus na quarta-feira ultima),não encontrando agente algum, soube, por um visinho, onde estava a chave do calabouço e empurrando lá para dentro o malfeitor, saíu á procura d'um policia.

Mas, no entretanto, o ladrão, tendo mettido hombros á porta, deu ás de villa Diogo, deixando no calabouço a caderneta dos vales!

Genial invento

Porque é, na verdade, interessantissima, não resistimos a traduzir a seguinte curiosa noticia que se nos deparou n'um jornal parisiense:

«Um ingenheiro japonez, o sr. Yamakawa, inventou um apparelho destinado a prestar os maiores serviços ás nações que se regem pelo sistema parlamentar.

Segundo o projecto apresentado pelo referido ingenheiro, na parte superior de cada cadeira da sala das sessões haverá um pequeno orificio a que estará ligado um tubo do diametro approximado de uma moeda de franco. Todos esses tubos, passando sob o soalho, convergirão, no sub-sólo, a um tubo collector que se inclina num recipiente de ferro collocado sob o soalho da tribuna.

No começo da sessão distribuese a cada deputado um determinado numero de grãos de chumbo.

Ao mais pequeno abuso do orador, o deputado não tem mais do que lançar um grão no tubo; e como o recipiente collocado sob o soalho da tribuna está equilibrado de forma a desprender-se quando o peso das balas fôr superior, a metade e mais do numero de votantes, o orador, condemnado pela maioria a callar-se, desapparece, sem lhe succeder o menor mal, tragado pelo alçapão aberto.

D'essa forma—diz ainda o referido jornal— a dignidade do orador poderá ser um pouco amesquinhada, mas a arte oratoria nada terá que perder.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 24 de Março.

(RETARDADA)

Reuniram-se, ha dias, no palacete do cidadão Manuel Francisco d'Oliveira, na rua Particular aos Prazeres, para um explendido banquete offerecido por este nosso amigo, os srs.: Luiz da Silva, Arthur Simões, Bernardino d'Oliveira, Victor Simões, Joaquim dos Santos Lima, Antonio Fernandes, José Dias de Mello, e as sr.as D. Ester Lima, D. Lucia Martins. D. Luiza da Silva e D. Laura Rodrigues da Silva, e quem escreve estas linhas.

O jantar decorreu animadissimo trocando-se, á sobremeza, affectuosos brindes, destacando-se o do sr. Luiz da Silva que poz em relevo as primorosas qualidades de caracter do sr. Manuel Oliveira e de sua esposa, a sr.a D. Maria Candida.

Durante o banquete fez-se ouvir um explendido gramophone, executando varios trechos de musica, entre elles a *Portugueza* e o hymno *Maria da Fonte*.

Todos os convivas se retiraram bellamente impressionados, pelas dez horas da noite.

Antes de terminar esta ligeira noticia, não devo deixar de informar os leitores do *Correio do Vouga* de que o sr. M. Oliveira é o primeiro filho d'Azurva (Aveiro) que manda fazer em Lisboa um palacete verdadeiramente modelar, e que tem lindissimas vistas para os lados da Serra de Monsanto e Pharol da Guia.

—Passou, no dia 18, o 16.º anniversario natalicio do nosso presado amigo sr. Viriato Vieira Pinto d'Azevedo a quem enviamos as mais affectuosas felicitações.

—Tambem no dia 23 completou annos o nosso amigo Vicente Serralheiro que os festejou em casa do Zé da Esquina (o Gordo), reunindo ahi alguns amigos, no numero dos quaes tivemos o prazer de estar.

—Esteve nesta cidade, retirando já para Canellas, a sr.a Rosaria Barreiro e seu filho Antonio.—*Melicias.*

N. da R. Esta correspondencia devia ter sido publicada já ha dois numeros, mas por motivos estranhos á nossa vontade e de que já informámos particularmente, o seu auctor, foi impossivel fazê-lo. Damos esta explicação, para que os nossos assignantes de Lisboa não julguem que houve descuido da parte do sr. José R. Correia de Mello *(Melicias)* que, apesar de não ser da nossa terra, é incontestavelmente uma das pessoas que mais se tem interessado por este jornal.

Idem, 6

O governo tem procurado desembaraçar a cidade dos rufias e gatunos, pois ainda ha bem pouco tempo fez embarcar para a Africa 170. Mas isto é uma raça inextinguivel. Na noite de 2.a para 3.a feira, pelas onze horas, quando entrava em casa, um commerciante da rua do Arsenal foi surprehendido por um atrevido gatuno que estava na escada e que se lançou bruscamente sobre elle, roubando-lhe uma mala de mão que continha o melhor de 600$000 reis e algumas letras de valor. Concluida a proeza, deu ás de Villa-Diogo emquanto o roubado olhava para todos os lados da rua, a vêr se descobria algum policia que não se dignou apparecer.

—No domingo, houve no pateo do Manuel Padeiro graves desordens, entrando em acção a navalha e o revolver, de que resultou ficar ferido um tal Silverio Augusto que teve de recolher ao hospital de S. José. Dos restantes desordeiros, uns fugiram e outros foram sob prisão para o Governo civil. Como de costume o motivo da desordem foi o sumo da uva.

—Passou, ha dias, o anniversario natalicio do illustre cidadão Antonio Pinto d'Azevedo, importante industrial e capitalista nesta cidade, a quem cumprimentamos affectuosamente.

—Tambem concluiu, num dos ultimos dias, 10 annos, o menino Antonio Dias da Silva. Muitos parabens.

—Realisou-se, ha dias, na parochial egreja de S. Mamede, d'esta cidade, o baptisado d'uma creancinha, filha da sr.a Olivia Dias da Silva, de Canellas, sendo padrinhos o cidadão João Fonseca e a sr.a D. Georgina Marques da Silva. A recemnascida recebeu o nome da madrinha.

—A' hora em que escrevo, 10 da manhã, está a desembarcar uma companhia de caçadores 6, sob o commando do sr. tenente-coronel Mattos Cordeiro a quem tivemos a honra de cumprimentar. Segue hoje mesmo para Santarem, sob as ordens do sr. tenente Miranda, pois o sr. tenente-coronel Mattos Cordeiro fica alguns dias em Lisboa.

—Hoje tem chovido bastante, ouvindo-se tambem alguns trovões.—*Melicias.*

NOTICIAS PESSOAES

Anniversario

Fez annos no dia 2 do corrente o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, illustre Prelado d'Angola, a quem enviamos as mais cordeaes felicitações.

Estadas

—Passou entre nós os dias 1, 2 e 3 do correute, retirando neste ultimo dia para Lisbôa, o nosso presado amigo sr. Mauuel Dias Saldanha.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

Leituras amenas

Certo lavrador tinha, havia pouco tempo, um creado, que viera de muito longe e mentia por gosto.

Iam os dois uma vez a cavallo e disse o creado:

—Lá na minha terra vi, um dia, uma raposa ainda maior do que a de sete arcos que atravessa o rio.

—Bem andaste falando-me em pontes, disse o amo, pois quero dar-te um aviso. Uma vamos d'aqui a pouco atravessar que tem um condão especial.

—E qual é? perguntou o creado.

—Abre-se pelo meio, quando por ella passa quem n'esse dia haja pregado alguma peta.

O creado enfiou, e, d'ali a bocadinho, disse ao amo:

—Tamanha como a ponte não seria a raposa, mas era assim como um boi muito grande.

O amo não lhe respondeu e o creado, que ia cavalgando atraz d'elle, coçava a orelha, muito atrapalhado.

—E d'ahi talvez nem chegasse ao tamanho d'um boi; como um cavallo é que era, ou como um burro.

Já se avistava a ponte. O moço poz-se a tremer.

Se ella se lhe abrisse debaixo dos pés, a queda ao rio era certamente mortal. Foi então dizendo:

—Era como um burro, era; era assim como um burro pequenino, acabado de nascer, pouco maior que um cão.

A ponte era altissima. O pobre creado, já a voz se lhe sumia de todo, quando accrescentou:

—A verdade, a pura verdade é que a raposa era como todas as raposas.

Já o amo ia na ponte. Olhou pára traz e viu o creado que parara á entrada.

—Então? perguntou-lhe. O cavallo tem medo?

—Não, senhor, respondeu-l he o moço. Sou eu que não me atrevo.

—Então porquê?

—É que eu, patrão, nunca vi raposa nenhuma.

E, persuadido em fim de que já não lhe aconteceria mal, metteu esporas ao cavallo e seguiu o lavrador, que ria ás gargalhadas.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	*174$650*
Padre Manuel da Cruz . .	*1$500*
Josè Liborio	*1$000*
D. Carolina Adelaide de Mello	*1$000*
Manucl Rodrigues Vieira .	*1$000*
Bispo d'Angola e Congo . .	*10$000*
Somma . . .	*189$150*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

A SAHIR BREVE:

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

A SAHIR BREVE

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

elle soffria tambem elle tinha coração, tambem elle tinha o seu calvario. Calvario eterno—victoria e terna do Amôr? Não sei.

Sei que me appareceu um irmão de sofrimento para quem corri de braços abertos e coração em chama. Eu fiquei a sentir uma infinita piedade por todas as cousas a palpar um universal delirio, um recondito balbuciar de lagrimas...

. . . . . .

Embebido n'esse olhar suavissimo vou pensando:

Não nos approssimemos. Para quê? Deixando as almas em coloquio, afastemo-nos. O Amôr sabe puros caminhos espirituaes. As almas vivem embebidas no Misterio. Que o Amôr as guie; sob os seus passos brotarão estrellas e sorrisos.

V. Ex.a nunca teve uma boneca? Lembra-se da felicidade com que a sentia viver e animar-se dos mais delicados sentimentos? Comprehende agora como isso era preciso ao desabroxar dos seus afetos e seus instinctos? Pois, minha senhora, a vida é uma fonte ienxgotavel de Belleza. Basta não a querermos tornar enfadonha e má. O maior mal da vida é o vicio da logica. Raciocinar é tirar ao coração muita frescura, muita saude e muito amôr. V. Ex.a vai já pensar que, se amo outra mulher não devo receber da sua presença felicidade e alegria. Mas eu não a amo, nem quero amar. Ou antes amo-a, mas amo-a n'outra mulher. Na mulher que amamos, amamos o Universo inteiro. E para que os labios da mulher amada nos digam todo o sonho disperso, toda a humildade, toda a dôr e anciedade do Universo, é preciso que o nosso coração tenha inundado todas as cousas e d'ellas tenha recedido toda a belleza interior, toda a bondade latente.

Talvez V. Ex.a me não comprehenda. Conhece o «Desterrado» de Soares dos Reis? Se conhece ha-de ter sentido que ha naquella tristeza alguma cousa para além da saudade da patria. E' a saudade metafisica, o exilio do homem dentro do mundo. Sim, minha senhora, o homem é um eterno exilado. Lembra-se do abondono do «Homem que ri» quando creança, no deeerto da paia e na sombro da noite? Eis a tragedia do destino. O homem é um solitario, um abandonado no Cosmos.

Aquella triste creança corre sobre o gelo, clama, e em torno a sombra, impenetravel e muda. Arquejante, sem forças, a misera caminha cheia de assombros, e ninguem que responda ás suas esperanças, nenhum seio que acalente a sua alma transida. Assim o homem caminha na vida universal, espalhando esperanças, lagrimas e promessas.

A' sua bocca que reza, aos seus olhos que admiram, ao seu coração que anceia nada responde no silencio universal.

No entanto esse silencio está cheio de vozes. A voz de todas as humildades rezando as suas imperfeições, soluçando as suas esperanças, radiando os seus sonhos. E' a Belleza que assiste á creação. A Belleza é a encarnação do espirito. Por isso o amôr encarna em Belleza.

Amar tudo é descobrir a belleza a tudo. O que me acresce em Belleza augmenta-me em Amôr. Por isso este sonho ideal de Belleza, que V. Ex.a fez nascer em mim, augmenta o meu amôr.

Como preciso das flores e dos astros, eu preciso de V. Ex.a para encher o meu coração de affectos que irei offerecer A'quella que, para mim, representa o Mundo.

Já vê V. Ex.a como este nosso romance é sublime.

A um canto do Universo é V. Ex.a uma fonte de Belleza para a minha alma sedenta. Eu devo-lhe muito, mas muito mais me deve V. Ex.a. O mendigo que, abrasado de sede e desgraça, encontre uma fonte que o dessedenta e alegra, offerece a essa fonte a suprema riqueza—a riqueza de se dar, a generosidade.

Seja, minha senhora, a Generosidade, a Emoção; eu... o sonho que passa e se inebria, se exalta e se engrandece.

Matozinhos, Dezembro de 1910.

Da «Aguia» *Leonardo Coimbra.*

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, rua da Praia, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria. **BROCHADO 60 REIS.**

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Além d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
» —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

4.º ANNO—N.º 15

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.